

**NETNOGRAFIA E ESPAÇOS
COLABORATIVOS DE ENSINO E
APRENDIZAGEM: o caso do
blog "estágio II UFPE 2018.2"
do curso de letras-português
da UFPE**

NETNOGRAPHY AND COLLABORATIVE SPACES
OF TEACHING AND LEARNING: the case of the
blog "estágio II UFPE 2018.2" of the course of
portuguese-letters of UFPE

ESPACIOS Y NETNOGRAFÍA ENSEÑANZA
COLABORATIVA: el blog del caso "estágio II
UFPE 2018.2" el curso de portugués letras UFPE

**Alexandre Machado Marques de Souza Sobrinho¹
Clecio dos Santos Bunzen Júnior²
Emerson de Brito Sarmiento^{3, 4}**

RESUMO

Este trabalho busca apresentar a netnografia enquanto instrumento metodológico de pesquisa adequado à compressão do uso de *blogs* enquanto ferramentas eficazes à disseminação de conhecimentos e processos de ensino e aprendizagem no campo da educação. Em termos metodológicos, optou-se pela análise do *Blogger* "Estágio II UFPE 2018.2", desenvolvido no âmbito do componente curricular "Estágio Supervisionado Obrigatório em Língua Portuguesa II", do curso de Letras da UFPE. A partir da observação dos relatórios pedagógicos de campo, percebeu-se que o espaço criado não apenas pode ser interessante como ferramenta de ensino e aprendizagem, mas como espaço de autonomia política e liberdade de expressão, revelando-se como uma

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco UFPE/PPGS. E-mail: alexandreemachado@gmail.com.

²Doutor em Linguística Aplicada e Professor do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco UFPE. E-mail: clecio.bunzen@gmail.com.

³Graduando do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal de Pernambuco UFPE. E-mail: esarmiento22@gmail.com.

⁴ Endereço de contato dos autores (por correio): Av. Prof. Moraes Rego, nº 1235 - Cidade Universitária. CEP: 50670-901. Recife - PE.

experiência exemplar, tanto para os estudos sobre *blogs* no contexto da educação como para os estudos sobre metodologia netnográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Netnografia; Ciberespaço; Blogs; Educação.

ABSTRACT

This paper seeks to present the netnography as a methodological research instrument suitable to the compression of the use of blogs as effective tools to disseminate knowledge and teaching and learning processes in the field of education. In methodological terms, we opted for the analysis of Blogger "Stage II UFPE 2018.2", developed under the curricular component "Mandatory Supervised Internship in Portuguese Language II", of the UFPE Literature course. From the observation of the pedagogical field reports, it was noticed that the space created can not only be interesting as a teaching and learning tool, but as an area of political autonomy and freedom of expression, proving to be an exemplary experience both for the studies on blogs in the context of education and for the studies on netnographic methodology.

KEYWORDS: Netnography; Cyberspace; *Blogs*; Education.

RESUMEN

Este trabajo busca presentar la netnografía como instrumento metodológico de investigación adecuado a la comprensión del uso de blogs como herramientas eficaces a la disseminación de conocimientos y procesos de enseñanza y aprendizaje en el campo de la educación. En cuanto a la metodología, se optó por el análisis de Blogger "Etapa II UFPE 2018.2", desarrollado en el componente curricular "prácticas supervisadas obligatoria en portugués II," de las letras de la UFPE. A partir de la observación de los informes pedagógicos de campo, se percibió que el espacio creado no sólo puede ser interesante como herramienta de enseñanza y aprendizaje, sino como espacio de autonomía política y libertad de expresión, revelándose como una experiencia ejemplar tanto para los estudios sobre blogs en el contexto de la educación como para los estudios sobre metodología netnográfica.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 6, Outubro-Dezembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p46>

PALABRAS CLAVE: Netnografia; Ciberespacio; *Blogs*; Educación.

Recebido em: 01.06.2019. Aceito em: 09.09.2019. Publicado em: 01.10.2019.

Introdução

A crescente expansão das ferramentas tecnológicas de comunicação vem produzindo um vigoroso aumento das transferências e trocas de informações dentro do cenário mundial. Com o surgimento de novos espaços de interação virtual, vários desafios se sobrepuseram às metodologias de pesquisa científica, sobretudo no que diz respeito à forma como indivíduos, grupos e comunidades têm se relacionado e se conectado através de diferentes veículos comunicativos, alterando sobremaneira seus modos de organização e convivência social (CASTELLS, 1999).

O *ciberespaço*, como é convencionalmente chamado, oferece aos seus internautas a oportunidade de romper com as fronteiras do mundo físico, ampliando cada vez mais suas formas de produção e distribuição de bens e serviços, permitindo-lhes, ao mesmo tempo, um acesso mais democrático ao conhecimento e uma maior abertura à liberdade de expressão (LÉVY, 2000). Nesse aspecto, é possível considerar as inovações comunicacionais como uma via de mão dupla, especialmente na medida em que tanto os contextos relacionais do espaço virtual como as próprias ferramentas tecnológicas vêm se moldando umas às outras em um ritmo incomensurável (TAVARES; PAULA, 2014).

Este trabalho tem por finalidade expor algumas considerações importantes em relação à emergência da internet como um novo espaço de compartilhamento de conhecimentos, apresentando a netnografia enquanto instrumento metodológico capaz de direcionar os estudos acerca deste fenômeno. Diante dessas questões, este artigo encontra-se dividido em duas partes. Primeiramente, considera-se a aplicação da netnografia como um instrumento de pesquisa adequado à compressão dos espaços virtuais. Em

seguida, analisa-se o crescente uso de *blogs*⁵ enquanto ferramentas comunicacionais eficazes à disseminação de conhecimentos, informações e processos de ensino e aprendizagem no campo da educação. O *Blogger* “Estágio II UFPE 2018.2”, desenvolvido no âmbito do componente Estágio Curricular Obrigatório 2 de Língua Portuguesa, no curso de Letras-Português (Licenciatura) da Universidade Federal de Pernambuco, servirá como foco de investigação deste trabalho, especialmente na medida em que se apresenta como um rico ambiente de conversação e troca de saberes entre os colaboradores que o compõe. Nessa perspectiva, as seguintes perguntas podem ser feitas: a) a netnografia pode ser considerada como uma metodologia útil aos estudos de *blogs*? b) em que medida o *blog* “Estágio II UFPE 2018.2” está contribuindo para os processos de ensino e aprendizagem no espaço *online*? Com isso, pretende-se oferecer alguma contribuição aos estudos netnográficos e às pesquisas sobre Comunicação Mediada por Computadores (CMC) no campo da educação.

1. A Netnografia como ferramenta metodológica

Em face da Comunicação Mediada por Computadores (CMC), o uso do meio *online* tem permitido uma maior aproximação entre pessoas de diferentes partes do planeta, possibilitando a criação de grupos e comunidades virtuais que perseguem objetivos e finalidades comuns. *Websites*, *blogs*, redes sociais e outros sistemas de entretenimento e informação têm apresentado aos pesquisadores das ciências sociais novos fenômenos, significados e situações

⁵ *Blogs* ou *Weblogs* constituem verdadeiros sistemas de micro-conteúdo postados por um grupo de pessoas e que são atualizados sistematicamente. Os *blogs* podem ter seu acesso restrito apenas aos seus criadores, como também serem compartilhados com um grupo de amigos para permitir as trocas de vivências e opiniões, ou para o público em geral.

sociais, motivado a propagação de novos instrumentos de pesquisa até então pouco explorados (TAVARES, PAULA, 2014). Nesse sentido, a criação de novos elementos culturais, sobretudo no que tange às dinâmicas relacionais e comportamentais daqueles que utilizam a internet como ferramenta estratégica para a execução de inúmeros propósitos, vem exigindo, cada vez mais, a elaboração e aplicação de metodologias de estudo que se ajustem a esta nova realidade.

Chamando a atenção para os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), Tavares e Paula (2014) refletem sobre os impactos dos meios tecnológicos dentro dos processos pedagógicos, sobretudo em relação à aquisição de conhecimentos e promoção de novas formas de socialização por meio da CMC. Não obstante, os autores também chamam a atenção para o fato de que os elementos sociais associados ao que tem sido definido como *cibercultura* necessitam de melhores esclarecimentos, sobretudo em relação ao desenvolvimento de estudos que se utilizem de um viés metodológico mais adequado. Neste aspecto, convém considerar a netnografia como um instrumento útil à compreensão dos fenômenos relacionados ao mundo virtual. Contudo, ainda é preciso considerar as bases ferramentais que influenciaram o seu desenvolvimento.

É sabido que a etnografia originou-se dentro da antropologia a partir dos fins do século XIX, adquirindo notoriedade em outros campos das ciências sociais ao longo das últimas décadas, como na sociologia, na psicologia social e no marketing. Segundo Angrosino (2009, p. 25), o método etnográfico baseia-se em explorações de campo que buscam “explicar como o sentido de realidade de um grupo é construído mantido e transformado”, requerendo ao pesquisador um “trabalho multifatorial de longo prazo” (ANGROSINO, 2009). A netnografia, por sua vez, surge diante da necessidade de formular uma metodologia viável aos

fenômenos mercadológicos e comunicacionais que emergiram das comunidades virtuais a partir do final dos anos 1980, mobilizando inúmeros pesquisadores interessados na potencialidade da ação política dos indivíduos e na inclusão digital e social via internet (NOGUEIRA; GOMES; SOARES, 2011).

De uma forma geral, os métodos qualitativos são utilizados como uma opção investigativa à interpretação dos fenômenos sociais, oferecendo ao pesquisador um poderoso instrumento recursivo para a compreensão de determinadas situações, significados e estruturas que se desenrolam a partir das ações e formas de organização humanas. Se a etnografia pode ser considerada enquanto um método de reconstrução analítica da realidade social de determinados grupos, exigindo do pesquisador uma profunda imersão dentro dos cenários culturais, o que lhe permite um maior entendimento sobre as crenças, práticas, valores e estilos de vida dos indivíduos, a netnografia busca tornar possível o estudo etnográfico dos ambientes virtuais, analisando e descrevendo os vínculos, costumes, formas de consumo e processos de socialização que se manifestam no contexto dos espaços *cibernéticos* (TAVARES; PAULA, 2014). Nesse sentido, tanto uma como outra, se utilizam de critérios interpretativos e procedimentos metodológicos semelhantes, à exceção dos campos de pesquisa pelos quais se debruçam, isto é, o mundo *online* e o mundo *off-line*. Ainda assim, é possível considerar que:

Os mundos, on-line e off-line, não são necessariamente realidades separadas – mundo real versus mundo virtual – mas podem ser considerados um *continuum* da mesma realidade. De tal forma, o pesquisador deve desenvolver técnicas que o permita analisar esse *continuum*. Nesse sentido, é interessante notar que, dentre as comunidades ou os grupos que um pesquisador viria a estudar, pode-se destacar os puramente virtuais, ou seja, que são socialmente criadas no ambiente virtual; as que são construídas tanto on-line quanto off-line; e as que são construídas puramente off-line, ou seja, no ambiente físico (NOVELI, 2010, p. 109 apud TAVARES; PAULA, 2014, p. 1629).

Segundo Kozinets (2014), a pesquisa netnográfica, de uma forma geral, representa a tentativa de reconhecer a importância das comunidades mediadas por computador nas vidas dos membros de uma determinada cultura. Isto, por sua vez, exige o entendimento específico de uma série de estratégias de incursão no campo de pesquisa, bem como o reconhecimento de diversas fontes de compreensão por parte do pesquisador. Diante disso, o autor considera um conjunto de práticas e procedimentos adaptativos que distinguem a netnografia da etnografia, embora não se possa negar a paridade entre os seus instrumentos metodológicos de pesquisa:

A netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal (KOZINETTS, 2014, p. 62).

Ao comparar as distinções entre etnografia e netnografia, Kozinets (2014) reflete sobre alguns aspectos que Hine (2000) trata como deficientes, especialmente na medida em que percebe a netnografia como uma metodologia “adaptativa”, “parcial” e “pouco verdadeira”. Na concepção deste autor, o conceito de campo experimental torna-se particularmente problemático em termos netnográficos. Kozinets (2014, p. 65), por seu turno, discorda dessa asserção, defendendo que não existe etnografia verdadeira, mas uma variedade de etnografias que vão desde “as narrativas realistas às narrativas de aventuras de viagens [...]”, de contos impressionistas aos incisivos retratos estatísticos em grande escala”.

Em segundo lugar, o autor ainda ressalta que a netnografia pode ser considerada parcial apenas quando aplicada de forma independente, isto é, como parte de um estudo maior que inclui trabalho de campo e entrevistas face a face, por exemplo. Diante disso, o autor vai considerar a metodologia

etnográfica em três tipos de pesquisa: a) os estudos de ciberculturas puras; b) os estudos de ciberculturas derivadas e; c) os estudos exploratórios de temas variados. Ainda nessa perspectiva, Kozinets (2014) chama a atenção para uma diferenciação entre “pesquisa de comunidades online” e “pesquisa online em comunidades”⁶. Em suma, o autor vai defender que a netnografia não se encerra em si mesma, podendo servir de suporte metodológico a outras pesquisas que queiram utilizar a realidade virtual de forma secundária. O argumento que sustenta a defesa do autor é que os estudos de pesquisa relacionados às culturas *online* trazem à tona elementos interativos sociais que são essenciais ao conhecimento das ciências humanas, especialmente na medida em que as comunidades *online* estão cada vez mais presentes na sociedade mundial:

Comunidade online e mediação tecnológica não são mais uma nova forma de comunicação e de comunidade, mas passaram - ou em breve passarão - para a esfera do *status quo*, o modo como nossa sociedade simplesmente é. Se isso for verdade, os pesquisadores que ignoram essa realidade verão seu trabalho cada vez mais ignorado e considerado irrelevante (KOZINETS, 2014, p. 68).

Kozinets (2014) também considera que o uso adaptativo das técnicas etnográficas dentro do contexto *online* é o resultado da diferenciação entre as interações sociais face a face e aquelas mediadas por computador, elencando quatro aspectos fundamentais: 1) a *alteração*, proporcionada pela natureza e pelas regras específicas do meio tecnológico; 2) o *anonimato*, questão profusamente analisada desde os primeiros anos dos estudos em interação *online*; 3) a *acessibilidade*, que confere amplo alcance a inúmeros fóruns eletrônicos e propicia a participação de um número expressivo de pessoas

⁶ A pesquisa de comunidades online estuda alguns fenômenos diretamente relacionados às comunidades eletrônicas e a cultura online em si, uma determinada manifestação delas, ou um de seus elementos. A pesquisa online em comunidades examina algum fenômeno social geral cuja existência social vai muito além da internet e das interações online, ainda que essas interações possam desempenhar um papel importante com a afiliação ao grupo.

distintas dentro do ambiente virtual; e 4) o *arquivamento*, procedimento automático de armazenamento das conversações e dos dados obtidos no meio *online*.

Ainda que a netnografia se baseie no trabalho de campo *online* e em um conjunto de dados subjacente à CMC, suas premissas metodológicas mais básicas são importadas da própria etnografia, como por exemplo: "a postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto; a questão da subjetividade; os dados resultantes como interpretações de primeira e segunda mão; e o relato etnográfico como sendo textualidades múltiplas" (AMARAL; NATAL; VIANA, 2009, p. 8). Sobre esse aspecto, Kozinets (2014) também concorda que a netnografia se conduz a partir dos mesmos passos que a etnografia, tais quais: 1) planejamento do estudo; 2) entrada cultural; 3) coleta de dados; 4) interpretação dos dados; 5) garantia dos padrões éticos; e 6) representação da pesquisa. Contudo, ainda que a netnografia faça uso dos mesmos procedimentos de pesquisa etnográficos, como já mencionado, algumas adaptações devem ser necessariamente realizadas, especialmente em relação à natureza observacional do objeto, os relatos de campo, a análise de dados e os eventos e interações registradas pelo pesquisador. (TAVARES; PAULA, 2014).

Ao considerar os pontos de vista positivos da metodologia netnográfica em relação à etnografia, Kozinets (2014) argumenta que a primeira pode ser conduzida mais rapidamente, sendo menos dispendiosa, principalmente em face da possibilidade de uma coleta de dados feita por meio do *download* de materiais textuais, sem que seja necessário que o pesquisador se desloque fisicamente. Em segundo lugar, pode ainda permitir que certas etapas de pesquisa, como a gravação e transcrição de áudios, sejam encurtadas. O autor também acredita que a netnografia pode ser menos subjetiva, já que se utiliza de

inúmeras fontes de pesquisa não tradicionais. Contudo, há quem afirme que essa condição não seja uma razão para a diminuição da subjetividade, dado que na etnografia o uso de diferentes procedimentos de pesquisa e triangulação de dados também seja muito comum (NOGUEIRA; GOMES; SOARES, 2011).

Entre as desvantagens relacionadas à netnografia, a questão da identidade dos participantes e a veracidade das informações coletadas apresentam-se enquanto pontos desfavoráveis, sobretudo em relação às condições de observação da linguagem corporal, bem como pelo privilégio dado aos arquivos textuais em detrimento dos fenômenos visuais, sonoros e cinéticos (Idem). A isto se soma o fato de que algumas informações importantes podem ser facilmente obscurecidas dentro do contexto virtual, como é o caso dos materiais coletados via *e-mail*, que dificilmente revelam atributos como raça, idade, status social, e, principalmente, expressões faciais e entonações de voz (NOGUEIRA; GOMES; SOARES, 2011). Contudo, o uso de frases em "caixa alta", além de alguns signos emblemáticos próprios aos ambientes virtuais, tais como os *emoticons*⁷, são normalmente utilizados para expressar humor e jocosidade, sem falar no uso regular de sinais de pontuação, como exclamações, interrogações e reticências (AMARAL; NATAL; VIANA, 2009). Em consequência disso, os aspectos comportamentais e técnicos do meio virtual criam uma experiência cultural nitidamente nova.

A interação online força o aprendizado de novos códigos e normas, abreviaturas, emoticons, sequência de teclas e outras habilidades

⁷ *Emoticon* é uma forma de comunicação paralinguística. Palavra derivada da junção dos termos em inglês *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (às vezes chamado por *smiley*) é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :), :(, ^-^, :3,e.e','-' e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Normalmente é usado nas comunicações escritas de programas mensageiros, como o MSN Messenger ou pelo *Skype*, *Whatsapp* e outros meios de mensagens rápidas.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2019v5n6p46>

técnicas para transferir informação emocional vital às relações sociais [...] Os elementos dessa segunda natureza com frequência são altamente informativos para o etnógrafo. A alteração tecnológica da participação online é uma razão fundamental pela qual os procedimentos etnográficos face a face devem ser alterados para os universos culturais da interação online (KOZINETS, 2014, p. 70).

Como qualquer outro espaço físico, a internet vem sendo paulatinamente ocupada por diferentes grupos sociais, proporcionando-lhes um ambiente repleto de oportunidades de expressão, circulação de informações e troca de saberes. Nesse sentido, é possível perceber a netnografia como uma abordagem metodológica apropriada à elaboração de pesquisas no contexto da *web*. Em termos pedagógicos, por exemplo, a internet pode ampliar a capacidade interativa dos sujeitos por meio de processos de aprendizagens mais dinâmicos, utilizando-se de múltiplas recursividades e possibilidades de produção de conhecimento individual e grupal (TAVARES; PAULA, 2014).

As metodologias utilizadas para os estudos de blogs buscam observar as características estruturais das dinâmicas em rede social, como já dito. Nessa perspectiva, a maioria dos autores aqui trabalhados concorda que a netnografia pode ser bastante útil como abordagem metodológica ao estudo dos blogs, principalmente pelo fato de serem espaços de organização social e constituição do *self*, permitindo uma análise mais acurada dos fenômenos sociais que se constroem de dentro do meio virtual para o território do mundo físico.

Na concepção de Montardo e Passerino (2006, p. 8), a netnografia aplicada ao estudo dos *blogs* apresenta-se como “possibilidade a exploração da comunidade multimídia, permitindo contar com dados coletados em texto, áudio e vídeo, recursos que podem enriquecer a observação dos estudos etnográficos tradicionais”. Nessa perspectiva, os *blogs* fabricam artefatos culturais próprios às comunidades que os alimentam, podendo revelar diferentes ideias sobre como e

por quais motivos as pessoas se relacionam dentro do ciberespaço, gerando símbolos de comunhão entre as próprias pessoas que os criam (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2008 apud SHAN, 2005). No próximo capítulo, buscar-se-á considerar o uso de *blogs* enquanto uma ferramenta eficaz para o compartilhamento dos processos de ensino e aprendizagem no campo da educação.

2. O uso de Blogs como ferramenta colaborativa no campo da educação

O uso de *blogs* tem sido cada vez mais frequente como meio de disseminação de informações e conhecimentos no campo *online*, tornando-se uma ferramenta importante para veiculação de curiosidades, notícias, publicidades, orientações de estilos de vida, resenhas críticas, etc. Segundo Montardo e Passerino (2006), os brasileiros são os internautas que navegam por mais tempo na internet, investindo mais de 28 horas mensais de participação nas redes mediadas por computadores. Tendo em vista que esses dados foram coletados há mais de duas décadas, com o crescente acesso aos meios virtuais, fortemente desencadeados pelo gradativo aumento do uso de outros aparelhos eletrônicos, como *smartphones* e *tablets*, esses números já devem registrar percentuais ainda mais expressivos, extrapolando o quantitativo dos 32,1 milhões de usuários contabilizados durante o primeiro trimestre de 2005 (MONTARDO; PASSERINO, 2006).

Em relação à criação de *blogs*, os autores acima citados, fazendo menção aos estudos de Sifry (2006), comentam que o uso dessas ferramentas tem dobrado a cada seis meses e meio. Outra informação importante revelada pelos autores a partir do relatório "*Estado da Blogosfera*", também elaborado por Sifry (2006), é o número de *blogs* criados por dia no mundo, mais de 175 mil, contando com

cerca de pouco mais de 18 postagens realizadas por segundo. Diante disso, reconhecem-se os blogs como espaços de conversação massivamente descentralizados, onde milhões de autores escrevem para sua própria audiência (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2008).

Se até 1999 o número de *blogs* não era considerado muito significativo, mais tarde, com a invenção de outros sistemas de monitoramento para a criação e atualização dessas ferramentas, como o *Blogger* e o *Groksoup*, a internet passou a se consolidar definitivamente como um novo espaço de socialização, permitindo uma abertura maior à “tomada de consciência, resolução de dilemas e na busca concreta por soluções, seja pelo compartilhamento, seja pela autorreflexão daí decorrente” (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p. 4).

Outro aspecto importante relacionado à apropriação dos *blogs* é aquilo que Amaral, Recuero e Montardo (2008) reconhecem como “constituição das estruturas sociais”, levando muitos autores a analisar esses sistemas por meio das trocas de comentários e *links* que são frequentemente lançados dentro das redes virtuais. Na concepção desses autores, o efeito dessas publicações provoca impactos sociais que influem sobre os processos de construção da realidade, emanando fontes dinâmicas de capital social.

O blog é concebido como um espaço em que o escrevente pode expressar o que quiser na atividade da (sua) escrita, com a escolha de imagens e de sons que compõem o todo do texto veiculado pela Internet. A ferramenta empregada possibilita ao escrevente a rápida atualização e a manutenção dos escritos em rede, além da interatividade com o leitor das páginas pessoais (KOMESU, 2004, p. 113).

Nesse aspecto, há inúmeras experiências de pesquisa voltadas a uma infinidade de conteúdos particulares, sendo a *Blogosfera* um terreno fértil para a discussão de assuntos como: pró-anorexia, netpornografia, utilização de blogs

por Pessoas com Necessidades Especiais (PNE), biografias de família, narrativas autoetnográficas, etc. (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2008). O grau de inserção do pesquisador dentro desses cenários torna-se, assim, fundamental para a compreensão dos hábitos e comportamentos dos indivíduos, permitindo que elaboração da pesquisa seja feita em co-produção com as pessoas que fazem parte do seu objeto de análise (NOGUEIRA; GOMES; SOARES, 2011).

Ao identificar os *blogs* como um gênero, Miller e Shepherd (2009) entendem que a principal função dessas ferramentas comunicativas é o compartilhamento de assuntos e conteúdos comuns, a partir de discussões forjadas dentro de uma “comunidade virtual imaginada”. Tendo em vista que o surgimento dos *blogs* está profundamente relacionado com a superação da fronteira entre o público e o privado, Anjos-Santos e Cristovão (2015, p. 34) concordam com Miller e Shepherd (2009) quando chamam a atenção para uma importante característica funcional dessas ferramentas: “a consolidação e validação do *self* como uma resposta a um momento sociocultural de desestabilização das identidades dos indivíduos”. Nesse aspecto, “o *blog* deve ser compreendido como uma reação particular ao constante fluxo de subjetividade” (MILLER; SHEPHERD 2009, p. 91).

Embora esse caráter autorreflexivo seja um consenso entre a maioria dos autores, o caráter dialógico também o é, especialmente na medida em que salienta a proximidade direta entre os interlocutores. A receptividade a opiniões e comentários, seja em *blogs* abertos ou fechados, reflete a “função sociocomunicativa” intrínseca a esses meios interativos. O *blog*, ainda enquanto gênero, apresenta uma outra característica marcante, a possibilidade de reorganizar os propósitos discursivos de outros gêneros, integrando-os na realização do seu projeto enunciativo, como atestam com Anjos-Santos e Cristovão (2015, p. 34):

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2019v5n6p46>

Quando um agente-produtor disponibiliza uma notícia televisiva em seu *blog* e tece comentários a respeito, a função sociocomunicativa da notícia televisiva passa a ser subordinada à função sociocomunicativa do *blog*. A ação social pretendida pelo agente-produtor é de compartilhar determinada notícia e buscar adesão, na comunidade virtual da qual faz parte, acerca do projeto discursivo disponibilizado.

Para Miller e Shepherd (2009), a criação dos *blogs* foi marcadamente influenciada pelo papel do usuário na *internet*. O crescente ceticismo em relação à mídia convencional encontra dentro dos *blogs* diferentes formas de engajamento social e participação nas discussões cotidianas, expressando, muitas vezes, uma postura de contestação em relação às empresas de comunicação corporativas. A possibilidade de relatar acontecimentos particulares a partir de uma vivência experienciada permite aos internautas o acesso, a disponibilização e a produção dos seus próprios conteúdos para um público de longo alcance, “convertendo as audiências em comunidades participativas” (MILLER; SHEPHERD, 2009, p. 112).

Com relação à composição dos *blogs*, Miller e Shepherd (2009) mencionam que sua formatação inclui o registro de data e hora organizadas em ordem cronológica inversa, além do nome do autor e de *links* para os comentários dos leitores. Essa composição mais ou menos padronizada acaba por criar uma “expectativa de atualização”, motivando os leitores a retornarem e acompanharem frequentemente os conteúdos postados. Nesse esquema, “a ação social pretendida pelo agente-produtor é de compartilhar determinada notícia e buscar adesão, na comunidade virtual da qual faz parte, acerca do projeto discursivo disponibilizado” (ANJOS-SANTOS; CRISTOVÃO, 2015, p. 35).

De acordo com Santos (2013), o uso dos *blogs* tem reforçado o uso, os papéis e as oportunidades e desafios que as tecnologias digitais de informação têm proporcionado às práticas educacionais. O caráter particularmente

autorreflexivo dessas ferramentas comunicativas tem sido cada vez mais requerido pelos profissionais da educação como um aporte eficaz à interação pedagógica entre alunos e professores.

Ao discorrer sobre alguns dos resultados alcançados pelo uso dos *blogs* em experiências comunicativas e pedagógicas, Miller e Shepherd (2009) enumeram algumas evidências importantes a partir de alguns trabalhos realizados no campo da educação: 1) o papel dos *blogs* no desenvolvimento do pensamento crítico e multicultural por parte dos alunos e professores; 2) o desenvolvimento da autonomia participativa dos alunos no contexto das discussões, principalmente em relação aos que não se sentem confiantes o suficiente para se posicionar no espaço físico da sala aula e; 3) a promoção de capacidades de uso e adaptação às tecnologias digitais baseadas na *web*, fazendo com que o acúmulo dessas aprendizagens possa eventualmente auxiliar experiências pedagógicas futuras.

Em suma, o uso do *blog* com fins pedagógicos pode oportunizar “infinitas possibilidades para o desenvolvimento da escrita, da capacidade argumentativa, da criatividade, da organização e da estética, proporcionando experiências de aprendizagem colaborativa” (REIS, 2009, p. 106). Na concepção de Anjos-Santos e Cristovão (2015), o papel dos *blogs* também pode ser importante para o desenvolvimento da produção linguageira como espaço de embate de vozes, no qual múltiplos sentidos e significados podem ser constantemente negociados. Isso, por sua vez, permite uma maior reflexão em torno dos valores éticos que permeiam as discussões sobre educação e sociedade.

3. O Blog Estágio II UFPE 2018.2

Percurso Metodológico

No âmbito do Ensino Superior, a experiência interativa com enunciados orais e escritos, e mais recentemente visuais, de professores em formação inicial (com ou sem experiência anterior no âmbito da docência e da gestão educacional) tem contribuído para o avanço e aprofundamento das relações sociais no âmbito pedagógico. No contexto dos estágios curriculares obrigatórios de ensino, é possível afirmar que o contato com a prática não encerra as possibilidades de aprendizagem dos alunos envolvidos com os projetos de extensão fora do espaço universitário. Para além dessa experiência, é preciso considerar o “tempo em que o estudante e o cotidiano daquele lugar se enlaçam, se alteram e se misturam numa ‘observação’ que é, ao mesmo tempo, inserção, ação, relação, presença” (SILVA, 2011, p. 8). Nesse contexto, admite-se que as múltiplas experiências no cotidiano escolar podem ser apresentadas em diferentes formatos ou gêneros, sejam eles historicamente mais estáveis (relatórios e diários de campo) ou emergentes (relatos de experiência ou os posts no *Weblog*) (BUNZEN, 2012).

O blog “*Estágio II UFPE 2018.2*”, desenvolvido no âmbito de uma disciplina de estágio curricular do curso de Letras-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é um projeto que reuni os alunos de graduação matriculados na disciplina de estágio docência, monitores e o professor supervisor de estágio na instituição. Tendo por iniciativa ampliar as possibilidades de participação de todos(as) nas reflexões sobre as diversas escolas públicas campos de estágio, criou-se um *blog* colaborativo dedicado às discussões e conteúdos curriculares do Ensino Fundamental e Médio. Embora a iniciativa ainda seja muito recente, já é possível observar suas potencialidades como recurso de aprendizagem, sobretudo em termos de aproveitamento escolar.

Ao ler os textos produzidos por estagiários, é possível encontrar diferentes movimentos discursivos (FRANÇOIS, 1996) que revelam as complexas maneiras

de apropriação do discurso através dos enunciados produzidos. Este processo pode ser entendido como constitutivo da réplica ativa dos estagiários, tendo em vista a intensa tessitura polifônica de uma diversidade de vozes sociais que desencadeiam formas axiológicas de apreciação em face do trabalho docente, das formas de interação na/da esfera escolar, das posições/papéis/identidades em questão, bem como das formas de reconstrução dos objetos de ensino e suas metodologias (BUNZEN, 2012).

Nos relatórios, fichas descritivas, diários de campo, relatos reflexivos e posts – ou em outros gêneros produzidos nas disciplinas de estágios – os sujeitos se posicionam discursivamente e narram/descrevem/projetam o que é visto, experienciado e lembrado por meio do uso da palavra, uma vez que ela “está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1988, p.38). Como “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (Idem, p. 95), nossos enunciados revelam as formas como replicamos ativamente as palavras de outrem. Portanto, os enunciados dos estagiários respondem ao já-dito e abrem possibilidade para diferentes réplicas, ou seja, “adesões, recusas, aplausos incondicionais, críticas, ironias, concordâncias e dissonâncias, revalorizações etc.” (FARACO, 2003, p.56).

Os enunciados concretos que serão objetos de reflexão foram produzidos em uma situação específica e situada. Em primeiro lugar, eles se situam na esfera acadêmica de produção do conhecimento e de saberes sobre a educação escolar, pois pertencem a discussões no âmbito de uma disciplina curricular obrigatória do curso de Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Em segundo lugar, fazem parte da prática de produção obrigatória de registros escritos.

As três macro-ações impõe diversos desafios que apontam para o processo de negociação dos diversos saberes para construção de um espaço social semiótico e um sistema de gêneros do discurso e de atividades que nos permite repensar a aprendizagem situada dos residentes no próprio local de trabalho dos professores e gestores. A relação leitura-escritura para compreensão das ações pedagógicas e do cotidiano da escola se impõe, uma vez que, durante todo o período de imersão, os residentes desenvolvem formas de registro escrito de natureza descritivo-reflexiva, com o intuito de relatar e analisar episódios formativos significativos.

Relatar, comentar e replicar os comentários dos posts são atividades com a linguagem verbal e visual que posicionam os residentes em uma relação ativa e responsiva em relação aos discursos que são produzidos na/sobre a escola-campo, as práticas pedagógicas e os diferentes sujeitos. Os professores preceptores e residentes estão, como diz Bakhtin (2003, p.272), concordando, discordando (total ou parcialmente), completando ou aplicando-o em um processo de natureza ativamente responsiva. Nesse sentido, o gênero escolhido para tal atividade tornou-se central para percebermos as vozes sociais e os movimentos discursivos realizados pelos residentes em seu processo de formação inicial, especialmente na relação com vozes alheias, respostas e concordâncias, objeções e execuções em que a esfera escolar e a universitária constituem elementos centrais desse jogo de contra-palavras. Nesse processo, o papel de preceptor e de leitor do *Weblog* constitui uma produção polifônica em que diversos interesses, valores, crenças e identidades são negociadas pelo uso da linguagem verbal (BUNZEN, 2012).

Resultados e Discussões

A partir da observação dos planos de aula executados pelos professores em sala de aula, os alunos de graduação vinculados ao componente curricular de estágio supervisionado obrigatório elaboram postagens de base etnográfica ou culturalmente sensível ao campo de estágio que são frequentemente postadas em um *website* restrito a colaboradores, administradores e convidados. A experiência proporcionada pelo *blog* não apenas amplia as possibilidades de aprendizagem fora do contexto de sala de aula, trazendo benefícios a todos os seus integrantes, independentemente do seu nível escolar, mas oferece a cada um deles a oportunidade de se expressarem coletivamente com autonomia e liberdade. Isto fica explícito no comentário de um dos estagiários do projeto:

“Como diria Freire ninguém educa ninguém e nem mesmo educa-se, a educação é um aprendizado coletivo que reflete o mundo. Esse pensamento de Paulo Freire me veio à mente em uma das aulas quando pude perceber o quão os alunos do oitavo ano A são autônomos, desde a entrada em sala de aula até o fim da aula” (Estagiário do Projeto).

Em seguida, aparece o seguinte comentário de uma das colegas de turma:

“Uma das coisas mais interessantes da nossa profissão é essa vivência diária do desconhecido, desafiando-nos a sempre colocar em prática nosso plano B. Continue com esse olhar sobre os fatos, achei esse relato interessante e me fez pensar em muitas coisas! Parabéns! Continuaremos discutindo essas questões tão importantes, abraços” (Comentário de uma Estagiária do Projeto).

Esse processo de participação de saberes faz com que os alunos se tornem colaboradores ativos de um processo pedagógico, trabalhando conjuntamente com colegas e professores pela continuidade das temáticas propostas em sala de aula por meio do livre diálogo. Nesse aspecto, o *blog* como plataforma tecnológica de comunicação fomenta o intelecto humano através do

compartilhamento de ideias, descobertas, valores e conteúdos. Nesse quesito, o coordenador do projeto assinala que:

“Acredito que o componente de Estágio curricular obrigatório II precisa ser realizado coletivamente, pois um galo sozinho não tece uma manhã. Nossa comunidade virtual de aprendizagem é um espaço criado para que possamos dialogar, ou seja, tecer uma rede de textos verbo-visuais que nos ajudem a compreender algumas facetas das aulas de língua portuguesa e de literatura nos anos finais e no ensino médio da educação básica brasileira. Cada postagem pode ser entendida como um grito do galo que irá apanhar outros gritos e outros galos e galinhas! Enfim, vamos tecendo comentários e textos/discursos sobre a escola, as turmas e as aulas de língua(gem) e literatura. O que iremos destacar? Quais redes irão construir? Vamos tecer uma teia? Vamos tecer nossos textos-enunciados concretos? Vamos replicar a esfera escolar e o mundo-vivido que acontece nas salas? Como vamos trabalhar aqui de forma colaborativa e coletiva, seria bom nos apresentarmos e falarmos um pouco da nossa vida, das nossas identidades e da nossa experiência em sala de aula” (Coordenador do Projeto).

O uso dos *blogs* para a construção do conhecimento, aliando teoria e prática de ensino, é uma alternativa didático-pedagógica de grande valor, proporcionando a participação de alunos, professores e estagiários de forma dinâmica e interativa, além de desafiá-los a pesquisar e interagir com a comunidade escolar, como reconhece uma das monitoras em relação à postagem de uma das estagiárias no *blog*.

“Você trouxe em seu último relato algo que lhe chamou muita atenção e provavelmente lhe inquietou: a indisciplina nos estágios. Gostei bastante das suas postagens, sempre buscando refletir com embasamento teórico. Além disso, buscou conversar com as professoras para conhecer a história de cada uma e as práticas de ensino de LP, que elas tanto acreditam. A jornada foi muito gratificante e acompanhar os relatos me possibilitou pensar melhor sobre a indisciplina e como trabalhar tal questão em sala de aula para uma boa convivência. Muita sorte na caminhada como professora. Abraços.” (Comentário da Monitora para a Estagiária).

A resposta de uma das monitoras da turma indica um aspecto muito positivo em relação à consecução do projeto: a manutenção do diálogo entre

diferentes agentes fora da sala de aula. Nesse aspecto, é válido perceber que o ambiente virtual converte-se em um espaço colaborativo no qual toda a comunidade envolvida com o propósito pedagógico pode exteriorizar seus pensamentos através da linguagem escrita. Para além dos conteúdos curriculares, é possível testemunhar os laços afetivos criados a partir das relações travadas dentro do espaço de conversação. O comentário abaixo, por exemplo, é fruto do último relatório de uma das estagiárias envolvidas com o projeto:

“Não posso esconder o meu alívio e satisfação em finalizar essa disciplina. É, de fato, muito bom poder escrever aqui pela última vez sobre toda a experiência que tive em sala de aula e como eu pude me apegar às professoras que conheci. Obrigada, também, a vocês leitores, colegas e professores por terem produzidos tantos conteúdos bons para construir essa rede de conhecimentos. Que possamos seguir assim, aprendendo, compartilhando e, acima de tudo, vivenciando os nossos saberes docentes. Me sinto extremamente feliz de ter tido a chance de compartilhar com vocês minhas experiências de estágio. Foram momentos incríveis de aprendizado e reflexão. Que tudo aquilo que aprendemos aqui continue ecoando nos dias seguintes a esse fim. Afinal, não estou dizendo adeus. É apenas um até logo!” (Estagiária do Projeto).

É possível observar nesses comentários o engajamento de professores, estagiários e alunos dentro das propostas didáticas, estimulando discussões tanto no mundo virtual como no físico. Essa situação lhes permite dar continuidade aos encontros presenciais, esclarecendo dúvidas, sugerindo bibliográficas, apontando os pontos positivos e negativos do processo de aprendizagem e refletindo sobre as experiências e conhecimentos adquiridos em sala de aula e por meio das postagens.

A questão da presença dentro dos ambientes virtuais é, sem dúvida, uma questão importante dentro da metodologia netnográfica, especialmente na medida em que o pesquisador, através da observação e interação via comentários e *posts online*, possui uma existência real frente aos demais participantes da comunidade estudada (TAVARES; PAULA, 2014), como foi observado na

experiência do blog "*Estágio II UFPE 2018.2*". *Blogs* são, nesse sentido, "não apenas ferramentas caracterizadas pelo seu produto: são formas de publicação apropriadas pelos seus usuários, como formas de expressão" (AMARAL; RECUERO; MONTARDO, 2008, p. 5).

A utilização de *blogs* sobre educação também é considerada por Amaral, Recuero e Montardo (2008, p. 10) como um espaço de investigação frequente. De forma geral, esses tipos de blogs são mais destinados à dimensão pedagógica, oferecendo um ambiente fértil de discussão dentro dos mais variados estágios de educação. Em suma, pode-se dizer que a maioria desses trabalhos "atentam para uma construção dos *blogs* como espaços móveis, que podem ser acessados e constituídos independentemente do espaço físico e que podem, ainda, auxiliar nas reconstruções desses espaços".

Os *blogs* e a socialização entre seus autores e leitores, a partir das postagens e dos comentários, acontecem de forma espontânea. Trata-se, portanto, de um fenômeno no ciberespaço que existe independentemente de qualquer pesquisa que se realize sobre os mesmos (ao contrário dos *sites* para coleta de dados) e, como tal, oferece-se como objeto que requer a netnografia como técnica para apreendê-lo (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p. 8).

A ferramenta dos *blogs* permite, nesse sentido, alargar as possibilidades de aprendizagem a novos espaços de compartilhamento, ampliando, ao mesmo tempo, as possibilidades de agregação dos planos de ensino junto às ferramentas *cibernéticas*. Ademais, os conteúdos e conhecimentos que excedem o convívio da sala de aula podem estar disponíveis a todos aqueles que tenham interesse nos assuntos e debates dentro de um ambiente que contraria o tempo de duração de uma aula, ou seja, os *blogs* possibilitam que as postagens sejam feitas a qualquer dia e qualquer hora, em tempo real, dando margem quase infinita de participação e comunicação a todas as vozes que desejam se expressar e trocar informações. Mesmo que os estudos sobre netnografia na área da educação

ainda sejam muito carentes, a internet é, sem dúvida, uma grande aliada aos estudos que buscam compreender as lógicas relacionais, comportamentais e simbólicas vivenciadas dentro dos espaços virtuais, sugerindo, inclusive, novos formatos de ensino e aprendizagem no meio educacional, como pôde ser observado a partir da experiência do blog "*Estágio II UFPE 2018.2*".

Considerações Finais

Diante da complexidade relacionada aos espaços de Comunicação Mediada por Computador (CMC) por meio da internet, questões de ordem metodológica devem, cada vez mais, ganhar espaço nos debates acadêmicos, levando vários estudiosos a mergulharem em uma infinidade de questões pertinentes aos comportamentos, simbologias e práticas sociais que permeiam o mundo *cibernético*. Nesse quesito, a netnografia vem ganhando terreno enquanto uma metodologia de pesquisa útil à observação e análise das situações e significados que circulam o mundo virtual, revelando resultados de extrema importância para as ciências sociais.

Conforme proposto neste trabalho, foi possível apresentar uma discussão teórica não apenas sobre a netnografia, mas também sobre o uso de *blogs* enquanto ferramentas de comunicação e compartilhamento de conhecimentos dentro do campo da educação. Ao propor uma análise sobre o Blog "*Estágio II UFPE 2018.2*", este trabalho buscou interpretar a forma como estagiários universitários e alunos e professores do Ensino Fundamental e Médio utilizam o meio virtual como um ambiente de extensão de suas atividades dentro de sala de aula, apresentando uma rica troca de conhecimentos, esclarecimento de dúvidas, compartilhamento de saberes, etc.

A partir da observação dos relatórios pedagógicos e dos comentários a eles associados, percebeu-se que o espaço criado não apenas pode ser interessante como ferramenta de ensino e aprendizagem, mas como espaço de autonomia política e liberdade de expressão. É importante salientar que o *Blog "Estágio II UFPE 2018.2"* ainda é uma iniciativa muito recente, contando com poucas postagens e comentários, merecendo um acompanhamento mais duradouro ao longo de sua jornada. Por esta razão, houve certas limitações em relação às informações coletadas em campo. Contudo, isso não exclui a potencialidade e a riqueza propositiva do *blog* analisado, que desponta como uma experiência exemplar, tanto para os estudos de *blogs* enquanto ferramenta colaborativa no contexto da educação como para os estudos sobre metodologia netnográfica.

Em suma, espera-se que a bibliografia apresentada, bem como os resultados de pesquisa, exíguos, mas, promissores, possam contribuir para o alargamento dos estudos sobre internet e educação, servindo também de iniciativa às instituições públicas e privadas de ensino, especialmente no sentido de demonstrar que a utilização das ferramentas virtuais pode constituir um meio de capacitação aos seus professores e alunos, incentivando novos nichos de ensino e aprendizagem e motivando também a emergência de novos enfoques de investigação sobre o tema.

Referências

AMARAL, A.; RECUERO, R.; MONTARDO, S. P. **Blogs: mapeando um objeto**. VI Congresso Nacional de História da Mídia. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/60->

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p46>

[encontro-2008-1/Blogs%20Mapeando%20um%20objeto.pdf](#).
22/01/2019.

Acesso:

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. **Apontamentos metodológicos iniciais sobre netnografia no contexto pesquisa em comunicação digital e cibercultura**. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Curitiba, 2009. Disponível em: <https://docplayer.com.br/79030649-Apontamentos-metodologicos-iniciais-sobre-a-netnografia-no-contexto-pesquisa-em-comunicacao-digital-e-cibercultura-1.html>. Acesso: 23/01/2019.

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação Participante**. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANJOS-SANTOS, Lucas M. dos; CRISTOVÃO, Vera Lúcia L. **A produção de blogs profissionais como ferramentas reflexivas na educação inicial de professores de língua inglesa**. Rev. Ilha do Desterro. Florianópolis, v. 68, nº 1, p. 33-45, jan./abr., 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80262015000100033 Acesso em: 27/04/2019.

BAKHTIN, M. M. (1952-53). Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M./VOLOCHINOV, V. N. (1929) **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BUNZEN, Clecio dos Santos. **Gêneros e movimentos discursivos: a produção de posts em um weblog coletivo**. XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino (ENDIPE-UNICAMP). Campinas, 2012. Disponível em: http://www.infoteca.inf.br/endipe/smarty/templates/arquivos_template/upload_arquivos/acervo/docs/3999b.pdf Acesso em: 20/04/2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FRANÇOIS, Frederic. **Práticas do oral: diálogo, jogo e variação das figuras do sentido**. Carapicuíba: Pró-fono. 1996.

KOMESU, Fabiana. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na Internet*. In: Luiz Antônio Marcuschi e Antônio Carlos Xavier (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

KOZINETS, R. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2ªed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MILLER, C.R.; SHEPHERD, D. Questões da blogosfera para a teoria de gênero. In: DIONÍSIO, A.P.; HOFFNAGEL, J.C. (Org.). **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Editora da UFPE, 2009, p. 93-121.

_____. Blogar como ação social: uma análise do gênero weblog. In: DIONÍSIO, A.P.; HOFFNAGEL, J.C. (Org.). **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. Recife: Editora da UFPE, 2009, p. 61-92.

MONTARDO, S. P.; PASSERINO, L. M. **Estudos de Blogs a partir da Netnografia: possibilidades e limitações**. Revista Novas Tecnologias na Educação (CINTED-UFRGS), v. 4, n. 2. Rio Grande do Sul, 2006. *Disponível em*: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14173/8102>. Acesso: 23/01/2019.

NOGUEIRA, E. J.; GOMES, L. F.; SOARES, M. L. de A. **Netnografia: considerações iniciais para pesquisas em educação**. Revista QUAESTIO, v. 13, n. 2. São Paulo, 2011. *Disponível em*: [file:///C:/Users/Alexandre/Downloads/696-Texto%20do%20artigo-916-1-10-20120305%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Alexandre/Downloads/696-Texto%20do%20artigo-916-1-10-20120305%20(2).pdf). Acesso: 25/01/2019.

REIS, F.C.S. O e-mail e o blog: interação e possibilidade pedagógicas. In: ARAÚJO, J.C.; DIEB, M. (Org.). **Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino**. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 99-110.

SANTOS, L.M.A. **Panorama das pesquisas sobre TDIC e formação de professores de língua inglesa em LA: um levantamento bibliográfico a partir da base de dissertações/teses da CAPES**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. Belo Horizonte, v. 13, n.1, p. 1536, 2013.

SILVA, Lilian Lopes da. Entre estágios, diários de campo, leituras. In: Adriana Silva et al. **Culturas infantis nem creches e pré-escolas: estágio e pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2011.

TAVARES, W.; PAULA A.P.P de. **A Netnografia como Possibilidade Metodológica para Estudos no Campo de EAD**. XI Congresso Brasileiro de Ensino Superior a



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 5, n. 6, Outubro-Dezembro. 2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2019v5n6p46>

Distância. Florianópolis, 2014. *Disponível em:* <http://esud2014.nute.ufsc.br/anais-esud2014/files/pdf/126914.pdf>. *Acesso:* 21/01/2019.